

Livros

Além do PT – A crise da esquerda brasileira em perspectiva latino-americana*

de Fábio Barbosa dos Santos

Além do PT (e além da estratégia democrática e popular)

Beyond the PT (and Beyond the Democratic and Popular Strategy)

por Fernando Correa Prado**

Vivemos o difícil momento de construção de uma possível nova síntese histórica da esquerda socialista e comunista no Brasil. Após o ciclo da estratégia democrático-burguesa, estamos sofrendo atualmente o esgotamento da estratégia democrática e popular. Nesta conjuntura, a crítica, a autocrítica e a avaliação camarada são imprescindíveis. É para esta tarefa que, a meu ver, contribui o livro *Além do PT – A crise da esquerda brasileira em perspectiva latino-americana*, de Fábio Luís Barbosa dos Santos, lançado em 2016, ano do golpe.

O livro tem clareza ao estabelecer diálogo com amplas camadas da esquerda ou mesmo do campo progressista que “se posicionam contra o golpe, mas que, ao mesmo tempo, não têm motivos para defender os governos do PT”. Um lugar incômodo, que impõe a tarefa de avaliar e discutir de forma clara e militante “o papel que os governos do PT tiveram em produzir a situação que os vitimou”.

* São Paulo: Elefante, 2016.

** Doutor em Economia Política Internacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); professor da Universidade Federal de Integração Latino-Americana (UNILA) e do Programa de Pós-graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPGICAL-UNILA), Foz do Iguaçu-PR, Brasil. End. eletrônico: fernandoprado@gmail.com

Trata-se de um ensaio, um ensaio de fôlego. De início é preciso ressaltar esta forma-ensaio, tão cara à *Nuestra América* e muitas vezes esquecida, frente à pontuação dos *papers* e à formalidade das teses. A forma-ensaio é harmônica com o conteúdo, pois permite oferecer uma visão de conjunto e em aberto, uma perspectiva ampla sobre a atual conjuntura pós-golpe e de crise da esquerda. E, note-se, oferece uma perspectiva escrita em pleno desdobramento da conjuntura, o que não é tarefa fácil: nada menos que capturar o movimento em pleno movimento da história. O livro captura sensações sobre a conjuntura muitas vezes difusas, pouco nítidas; dá nitidez a essas sensações, concretizando-as em frases-síntese, em ideias-chave. E assim alcança o objetivo central de “lançar luzes sobre o sentido geral da chamada onda progressista latino-americana”. E mais: realmente contribui para um “balanço do sentido geral do movimento histórico recente e seu legado político para a classe trabalhadora”.

Cabe sempre discutir, evidentemente, o quanto essas luzes iluminam e se o balanço é acertado. Antes disso, contudo, vale chamar a atenção para outros elementos intrínsecos ao texto. Por exemplo: a descrição de todo o processo de ascensão do PT ao governo e sua queda recente. É evidente que a própria descrição já contém o posicionamento, como não poderia deixar de ser; de todo modo, mesmo se não considerássemos qualquer outro aspecto, a mera descrição contida no livro já é em si essencial para nós e para as gerações futuras que não terão vivenciado o período histórico aberto pela eleição de Hugo Chávez na Venezuela em 1998 – e que no Brasil teria se encerrado com o golpe de 2016. Além disso, ao construir essa descrição-avaliação, o autor também critica análises hegemônicas nas ciências sociais brasileiras que, em suas palavras, “consagram a separação analítica entre os problemas da marginalidade e da acumulação capitalista” – em específico as análises sobre desenvolvimento dependente e associado de Fernando Henrique Cardoso. (Como também o fazem, acrescentaria eu, os desdobramentos daquelas análises em torno do “capitalismo tardio”, muito próprios da autodenominada escola da Unicamp – certamente não homogênea –, com seus respectivos desdobramentos mais ou menos neodesenvolvimentistas). Finalmente, outro aspecto que se destaca no livro é a busca por conhecer a realidade latino-americana a partir do Brasil e, a um só tempo, conhecer a realidade brasileira em perspectiva latino-americana. Fábio realiza plenamente essa difícil e necessária tarefa.

Isto posto, é importante também levantar algumas críticas, pois em qualquer avaliação desse período histórico, será também a partir da crítica, de suas faíscas, que se poderá iluminar ainda mais a conjuntura e sobre ela atuar. E só por suscitar este debate o livro já merece uma vez mais renovado reconhecimento e indicação.

Como ponto possivelmente complementar à análise, poderia ter sido abordada de forma mais profunda a questão do subimperialismo, tendo em vista não só suas expressões mais candentes – Haiti, brasiguaios, etc. –, mas inclusive considerando uma das ideias fortes do livro: “É possível interpretar que a atuação brasileira neutralizou as expressões mais radicais do bolivarianismo”. Além de permitir avançar teoricamente na compreensão da atuação brasileira frente ao horizonte de integração representado pela ALBA – atuação esta muito bem descrita pelo autor –, o aprofundamento teórico e histórico em torno do subimperialismo pode também contribuir para a compreensão da especificidade da questão nacional no Brasil.

Um ponto de divergência e complementariedade se refere à compreensão do sentido histórico das chamadas “jornadas de junho” de 2013. Sem obviamente detalhar essa questão aqui, é preciso apontar que muito rapidamente a classe dominante esteve no controle das manifestações massivas de 2013 – o que talvez tenha sido mais evidente em cidades médias Brasil afora, em contraste com os grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro. Diferentemente do que se aponta no livro em determinada passagem, parece-me equivocado avaliar que 2013 teve um “caráter espontâneo”.

Outro debate suscitado pela leitura – talvez de maior divergência e por isso mais importante – diz respeito ao balanço geral da estratégia predominante na esquerda no período histórico analisado. Considero tratar-se da estratégia democrática e popular, tendo como objetivo final declarado o socialismo. Tal estratégia se pauta no processo de alargamento da democracia (burguesa) e do desenvolvimento (capitalista), gerando uma ampliação progressiva de um conjunto de direitos e de participação política, através da pressão dos movimentos sociais e da ocupação dos espaços institucionais no Estado, que se chocariam contra os interesses de nossa classe dominante e do caráter autocrático do Estado, e desse choque emergiria a possibilidade do socialismo e mesmo a necessidade do socialismo para cumprir as tarefas em atraso que a burguesia é incapaz de cumprir.

A meu ver, e em contraste e diálogo camarada com parte da esquerda, esta estratégia não foi traída ou abandonada, mas sim realizada. E por isso é preciso superá-la. Essa superação – numa síntese que ainda está por vir, e pode não ocorrer –, por sua vez, tem de passar, entre tantas outras coisas, por fazer um inventário das análises unitárias e coerentes sobre a realidade brasileira e latino-americana que informaram aquela estratégia. Um ‘inventário’ no sentido apontado por Gramsci, quando diz que “o início da elaboração crítica é a consciência daquilo que somos realmente, isto é, um ‘conhece-te a ti mesmo’ como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços recebidos sem benefício no inventário. Deve-se fazer, inicialmente, este inventário”. Embora

de forma rápida e muito pouco elaborada, aponto aqui – para estímulo à leitura de *Para além do PT* e futuros debates – a seguinte afirmação: tanto Florestan Fernandes quanto Celso Furtado – os dois intelectuais mais reivindicados no livro – fazem parte das leituras e interpretações da realidade brasileira que informaram a estratégia democrática e popular e, mesmo guardadas as devidas e enormes diferenças entre ambos, é possível que as leituras sobre o Brasil que oferecem estejam aquém da radicalidade que nosso tempo histórico exige.

Mesmo assim, ou melhor, por isso mesmo, a retomada e reivindicação desses imprescindíveis intelectuais orgânicos de distintos projetos políticos é coerente com a tese central do livro – ou ao menos com a tese que em minha leitura pareceu central –, segundo a qual “as ditaduras quebraram, na prática e na teoria, a associação entre desenvolvimento e nação que balizava o horizonte político” brasileiro no pós Segunda Guerra. Em outras palavras, a tese de que o “fio da construção nacional” teria se rompido com as ditaduras – no caso do Brasil, com o golpe de 1964. Sugiro aqui que no caso brasileiro a ditadura empresarial-militar, em seu caráter de contra-insurgência, terminou por realizar a construção nacional; no Brasil os militares não foram “anti-nacionalistas”, salvo se partamos de uma concepção ahistórica e idealizada de nação e de nacionalismo. Isso não significa que a questão nacional esteja resolvida ou que seja politicamente irrelevante no Brasil. Mas sim que ela se transformou, de tal forma que não cabe mais na atualidade tentar retomar as supostas dimensões “nacional” e “democrática” do “desenvolvimento”, conforme se sugere no livro. E diria ainda que no caso particular do Brasil o subimperialismo reconfigura essa questão, de forma a tornar ainda mais difícil sua compreensão plena e, portanto, mais intrincada a disputa política a seu redor.

O fato de que suscite estes bons debates – entre tantos outros – é já motivo suficiente para a leitura atenta de *Além do PT – A crise da esquerda brasileira em perspectiva latino-americana*.

Finalizo essa resenha com duas frases-síntese ou ideias-chave do livro de Fábio Luís Barbosa dos Santos, recomendando muitíssimo a leitura e esperando estimular a curiosidade, inclusive – ou mesmo principalmente – para todas e todos que de forma sincera e militante defendem o PT. É uma leitura importante para o debate conjunto, teórico e prático, sobre a perspectiva de que uma nova síntese histórica da esquerda no Brasil passará pelo PT, mas tem de ir além do PT: “o PT foi construído no terreno do reformismo nacional-popular. É necessário, portanto, que a nova fundação seja feita em outro terreno. Em suma, será preciso construir novos instrumentos políticos”; “O povo brasileiro precisa de outro esquema tático e de outro horizonte estratégico, que só podem ser forjados em categorias de base alheias à surrada política convencional com a qual o PT se identificou”.